



3

**PSICANÁLISE DE
ORIENTAÇÃO LACANIANA**

José Martinho



Este texto servirá para desfazer a ideia corrente que assimila a psicanálise de orientação lacaniana a uma psicoterapia e, ao mesmo tempo, para colocar sobre um outro plano o diálogo com os estudantes, professores e profissionais da saúde, psiquiatras, psicólogos, psicoterapeutas, entre outros.

É certo que quem procura um psicanalista pensa, geralmente, que vai encontrar um especialista em doenças mentais. Existem também muitos psicanalistas que oferecem de boa-fé os seus serviços no mercado das psicoterapias. Alguém dizia recentemente que, se não houvesse esta confusão, era possível que os psicanalistas já não tivessem pacientes. Mas se quisermos falar de forma rigorosa, não podemos dizer que psicanálise pertence à área da saúde mental.

Porque não lembrar que, em 1930, atribuíram ao génio de Freud o Prémio Goethe, equivalente ao Nobel da Literatura. Freud era médico, mas não lhe deram o Nobel de Neurologia.

Em vez de remeter a psicanálise para o campo da medicina, talvez seja preferível colocá-la no campo das letras, mesmo que não devamos confundir a psicanálise com um género de literatura, seja ela literária, filosófica, religiosa ou outra.

Lacan começa por situar a psicanálise - como tudo o que é humano - no "campo da linguagem". Ele afirma mesmo que o que ensina, basicamente, é a linguagem. A prática da psicanálise é efetivamente um jogo de linguagem que tem efeitos decisivos sobre o real.

Aquilo que cada um tem de mais real é o seu sintoma. É por esta razão que alguns desses efeitos de linguagem podem ser entendidos como terapêuticos, mesmo que cheguem apenas por acréscimo.

Convém dizer desde já que o sintoma psicanalítico não é o sintoma médico, por conseguinte, não deve ser incluído no modelo do tratamento e da cura adotado, ainda hoje, pela grande maioria das psicoterapias.

Muitos concebem o patológico como o desvio de um comportamento normal definido por estruturas orgânicas e médias estatísticas. Se assim fosse, não haveria patologia da vida quotidiana do homem normal, como Freud mostrou, ou o patológico seria a mera expressão de um erro no programa da vida que devia ser rapidamente corrigido, por exemplo, através de fármacos, ou então extirpado, como o cirurgião retira um corpo estranho de um organismo doente. Na verdade, não existe homem, mulher e criança sem sintoma.

No sintoma psicanalítico, há o que cai como patológico, mas também o que permanece; há o que desaparece ao longo do processo e o que resta. Este resto, que constitui o núcleo duro do sintoma, não deve ser lido como um sinal mórbido, mas como a manifestação da verdade de um ser humano. É porque a verdade do ser fala através do sintoma que este pode ser analisado, o que não significa ser curado. Não só o sintoma é impossível de eliminar, como não seria desejável poder fazê-lo.

Nem tudo termina com a morte, pois os efeitos do sintoma de um ser vivo falante sobre o próximo e o distante podem perdurar por muito tempo após o falecimento deste.

••

W

50/Δ

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

O sintoma é também o que imprime um estilo a cada maneira de praticar a psicanálise. Alguns pensam que esta marca subjetiva retira valor científico à psicanálise. Esta não é, efetivamente, uma ciência. Mas o que importa é que o estilo de um psicanalista distancia a sua *praxis* de todo o pensamento - religioso, filosófico, científico - que se apresente ou aspire ao universal. Os *Escritos*, de Lacan, começam, aliás, com uma frase de Buffon, que afirma “o estilo é o homem”.

Jacques-Marie Émile Lacan nasceu em Paris, em 13 de abril de 1901, e faleceu nesta mesma cidade, em 9 de setembro de 1981.

Desde a morte de Lacan que o número dos lacanianos cresceu exponencialmente. Entre as atuais escolas que transmitem o seu ensino pelos quatro cantos do planeta, destacam-se as da Associação Mundial de Psicanálise, cujo grupo português é a Antena do Campo Freudiano¹.

É importante não separar a vida e a obra de Lacan da série dos *Seminários* que lecionou aos psicanalistas durante mais de 30 anos. No primeiro *Seminário* que publicou (*Seminário I, Os Escritos Técnicos de Freud*, 1953-54), Lacan começa por dizer aos presentes, com o sarcasmo do Mestre *Zen*, que vai dar um pontapé em todo o sistema. Podemos dizer que cumpriu a sua palavra até ao último ensino (*Seminário XXVI, A Topologia e o Tempo*, 1978-79), mantendo, desta forma, a afirmação de Freud de que a psicanálise não é uma cosmovisão.

Por razões didáticas, podemos dividir o percurso de Lacan em três décadas: 50-60; 60-70; 70-80, do século XX. Neste percurso há aquilo que se transforma, mas também o que persevera ao longo dos anos, nomeadamente as três dimensões - o imaginário, o simbólico e o real - que tecem o fenómeno humano e, mais particularmente, o sintoma de cada sujeito.

Lacan doutorou-se em Medicina em 1932, com uma tese sobre a paranoia de auto-punição. Nessa mesma época interessou-se bastante pela influência do “delírio a dois” na formação da personalidade enquanto fenómeno social, pois, como era já o caso do Freud de *Psicologia Colectiva e Análise do Eu*, ele pensava que não havia psicologia individual propriamente dita.

O “verdadeiro ensino” de Lacan como psicanalista começa no início dos anos 50 do século XX. Formado no quadro da Sociedade Psicanalítica de Paris, onde começa a sua análise em 1932, e depois nomeado membro titular da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), Lacan será “excomungado” por esta instituição em 1963.

É já com 63 anos, em 1964, que funda - como diz, sozinho na sua relação com a causa analítica, - a Escola Freudiana de Paris (EFP). Por várias razões, no dia 5 de janeiro de 1980, Lacan decide dissolver a EFP e fundar uma nova escola (a futura Escola da Causa Freudiana), juntamente com os seus alunos mais fiéis e, de novo, para a reconquista do campo freudiano.

Desde a sua formação como analista até cerca de 1960, Lacan vai sobretudo trabalhar as relações da psicose com a escrita e a imagem. O que chama a função da fala no campo da linguagem decorre também desta primeira abordagem.

Lacan situa na “tópica do imaginário” a maioria dos pós-freudianos. Este é o lugar da agressividade, do conhecimento persecutório, da afirmação dos egos. Lacan lembra então aos seus colegas que aquilo que Freud promove não é o tratamento do sintoma psíquico por fortalecimento do *ego* e sua capacidade de adaptação ao meio ambiente.

O tema que ficou mais célebre desta época é o “estádio do espelho”, leitura psicanalítica de uma observação psicológica do comportamento da pequena criança diante do espelho. Lacan começa a expor o papel do “estádio do espelho na formação do eu” em dois Congressos da IPA (Marienbad - 1936; e Zurique - 1949). Esta matriz levá-lo-á, mais tarde, a construir um primeiro quadrado lógico (esquema L), permitindo distinguir quatro lugares e termos, bem como duas relações determinantes: a relação imaginária do *alter ego* (que os psicanalistas confundiam muitas vezes com um objeto) com o *ego (moi)*; e a relação simbólica do sujeito *fje* da fala com o Outro (a linguagem como lugar onde o sujeito pode procurar a verdade).

No *Seminário III*, Lacan interroga de novo o que acontece na psicose, mostrando então que esta se desencadeia quando o símbolo paterno desaparece da ordem simbólica (preclusão do Nome do Pai) e retorna ao real, provocando a ruína catastrófica do mundo, a alucinação verbal e o delírio. Deste dado de estrutura resultam o que chama de “condições preliminares a todo o tratamento possível da psicose”, mas também as tentativas delirantes de cura, quer estas passem pela palavra falada e escrita ou por um imaginário surreal.

A tese geral que Lacan defende é sempre a da primazia da linguagem sobre a realidade humana. Esta tese é suficiente para que a psicanálise recupere o fundamento da palavra que tinha perdido com os pós-freudianos.

É ainda a mesma tese que permite a Lacan enunciar que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”, e desenvolver o axioma contido nesse aforismo até às suas últimas consequências.

Em 1964, Lacan forja um novo conceito do objeto psicanalítico (o “objeto a”), que inclui o objeto da pulsão, da fantasia e do desejo. Aquilo que caracteriza este objeto próprio ao sujeito falante não é a sua “contingência corporal”, mas a “consistência lógica” de um vazio. É este vazio que faz convergir “a” com o que Freud chamava o “objeto perdido”, que Lacan mostra então ser a “causa” do desejo.

Durante vários anos Lacan vai explicando de diferentes maneiras que a psicanálise encontra a sua condição de possibilidade na linguagem, como estrutura comum à fala e ao inconsciente. Esta conclusão deduz-se logicamente no facto de que falar com um analista tem efeitos de significação e de satisfação sobre o sintoma.

Se a psicanálise encontra na linguagem o seu postulado fundamental, o sintoma é o seu ponto de partida empírico.

A experiência psicanalítica não é clínica, mas ética. No *Seminário VII, A Ética da Psicanálise*, Lacan explica que uma análise é a experiência ética do desejo do sujeito falante levado até à sua condição de mortal. Mas cerca de 10 anos mais tarde, no *Seminário XX*, diz

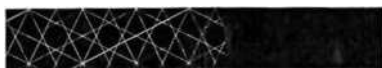
PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

que teria de reescrever o seu seminário sobre a ética, porque o que veio entretanto perturbar a realização do desejo de morte é o real do sintoma.

Freud tinha definido o sintoma psicanalítico como o "signo" e o "substituto" da satisfação que não ocorreu. Dado que o sintoma faz normalmente sofrer, pode parecer paradoxal que o sujeito ame o seu sintoma como a si mesmo, a ponto de não querer melhorar, como acontece na chamada "reação terapêutica negativa". Ora, isto só se explica porque o sintoma é uma satisfação substitutiva, não a satisfação esperada, mas a realmente possível.

Esta mistura estranhamente íntima de prazer e desprazer faz, escreve Lacan: "languescer o próprio Ser. Chama-se Gozo, e é isso sem o qual o universo é vão".

Sem o Gozo (*Jouissance*), pois, a ordem simbólica que representa o sujeito desejante e organiza as suas relações sociais não teria sentido nem valor. É este extremo peso do Gozo na existência humana que vai obrigar Lacan, a partir dos anos 60 do século XX, a reformular tudo o que ensinara até então.



História e Contexto de Emergência

Para Lacan, a História é uma "santa farsa", feita para nos fazer acreditar que o real tem um sentido. É a insensatez do real que faz com que seja preferível considerar a emergência da psicanálise lacaniana como um efeito - à distância - do dizer de Freud.

Os chamados "desenvolvimentos da psicanálise" não impedem que todos os psicanalistas sejam freudianos. Lacan começou mesmo por promover o "retorno a Freud", não para se colar aos enunciados do pai fundador, mas para poder repartir da sua verdadeira enunciação.

É nesta perspectiva que o ensino de Lacan faz parte do movimento aberto pelo acontecimento que foi a invenção da psicanálise na viragem do século XIX para o XX. Verdadeiro acontecimento, pois nada - idiosincrasias biográficas, herança familiar, legado da tradição ocidental, contexto sociológico - explica realmente a enunciação de Freud.

Foram as conversas com os pacientes que levaram Freud a abandonar os seus mestres, a formular a sua hipótese do inconsciente e a dar pela primeira vez a devida importância à pulsão na existência humana.

Como conceitos fundamentais da psicanálise, o "inconsciente" e a "pulsão" são absolutamente inéditos. Eles não se assemelham a nada do que se dissera antes de Freud através dos mesmos nomes.

O inconsciente freudiano não é, por exemplo, uma selva obscura, mas um jardim à francesa, talhado em formas geométricas derivadas de cálculos matemáticos. Isto significa que Freud não é um obscurantista, mas um iluminista, que procurou esclarecer a lógica dos pensamentos inconscientes que pairam nos terrenos baldios da razão.

Por sua vez, a pulsão freudiana não é um instinto nem uma referência escatológica à reprodução sexuada da espécie. A novidade trazida pelos *Três Ensaios sobre a Teoria*

da Sexualidade reside, sobretudo, na descoberta de que a suposta maturidade psicosexual do adulto guarda todas as características da perversão polimorfa da criança.

Mas bastou a associação do nome de Freud à palavra "sexo" para que o escândalo rebentasse, criando um novo mal-estar na civilização.

Os costumes liberais da Viena da época não eram os da Inglaterra vitoriana, mas a ideia de um paraíso perdido ou de uma idade de ouro da inocência humana vigorava ainda por toda a Europa do século XIX.

Apesar de inúmeras resistências - em particular de médicos e de padres, que Freud considerava os principais inimigos da psicanálise - e dos horrores de duas Guerras Mundiais, a invenção freudiana foi atravessando lentamente o deserto e espalhando-se pelo mundo dito "civilizado". Um dia chegou mesmo ao café "A Brasileira", no Chiado, onde se começou a falar alegremente de sexo, como quem não quer a coisa.

Enquanto os investigadores continuavam a ridicularizar o colega por este ter inventado um "conto de fadas científico", os moralistas atacavam o suposto "pansexualismo" que Freud professaria, qualificando-o de "obcecado sexual".

Os tempos mudaram após Freud e Lacan. As proibições morais transformaram-se em ideais libertadores e imperativos de felicidade a qualquer preço. Infelizmente, alguns analistas também não escaparam a isso.

Estamos agora numa época onde se quer ver e dizer tudo, o verdadeiro e o seu contrário. Chamam-lhe a "era da pós-verdade".

Para lá do espetáculo social, a humanidade conheceu também enormes progressos científicos e tecnológicos. Mas tudo isto não impediu que a psicanálise continuasse a ser vista pela maioria como uma "peste", qualificativo que Freud utilizou para nomear a sua invenção, aquando de uma visita aos EUA, em 1909.

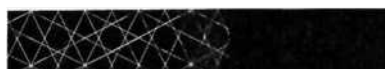
A história e a sociologia atuais da psicanálise não são mais a do escândalo ou do entusiasmo que um verdadeiro acontecimento pode suscitar, mas sim a do silenciar da "coisa freudiana".

Uma nova caça às bruxas decorre neste momento, em que interesses económicos e neocorporativos procuram influenciar os parlamentos dos Estados de direito para que votem leis de defesa do consumidor que protejam os utentes da saúde dos charlatães, leis que passam quase sempre pela destruição dos efeitos políticos - entre outros, a liberdade de expressão como direito fundamental do homem e do cidadão das democracias modernas - e mesmo da prática psicanalítica da palavra.

Banida geralmente das universidades e dos meios de comunicação, assim como do espaço público, a psicanálise cresce, no entanto, subterraneamente, já que existem cada vez mais sujeitos em análise, psicanalistas e atividades diversas, tais como a criação de associações, a organização de congressos, a edição de livros, revistas e outras publicações.

Em países como o Brasil e a Argentina, os lacanianos dominam ainda importantes sectores da educação e da saúde. Mas estas e outras conquistas sociais não são o que

mais importa. O fundamental será sempre saber se existem ou não sujeitos interessados em esclarecer o destino pulsional que lhes é traçado pelas suas escolhas forçadas, inconscientes.



Bases Teóricas

Apesar de transportar nas suas malas uma verdadeira enciclopédia, o ensino de Lacan não é uma nova teoria nem se funda em teorias preestabelecidas.

O termo "teoria" remete etimologicamente para a contemplação, enquanto o ensino de Lacan é um dizer inovador da experiência inaugurada por Freud.

Mas a partir do momento em que se postula, com Freud, que a palavra é o princípio e o principal meio para atingir os fins da psicanálise, convém que o psicanalista interroge, como fez Lacan, o que é a palavra.

Freud não teve acesso à linguística moderna. É a esta que Lacan recorre, primeiro a Ferdinand de Saussure. Este recurso não assimila em nada o psicanalista ao linguista. Enquanto o linguista estuda a forma, as leis e o funcionamento da língua, o psicanalista ocupa-se, sobretudo, do sujeito que fala, como a histérica falava a Freud. É por esta razão que Lacan dirá que o psicanalista se ocupa de "linguisteria" e não de linguística.

Com Lacan, o "significante" de Saussure perde a essência psicológica de "imagem acústica" para devir o elemento do conjunto que é o sistema da língua. Quando se define este elemento pelo fonema, o significante é a matéria-prima da palavra falada; quando é a instância da letra que o define, o significante é a matéria-prima da palavra escrita.

Cada palavra precede sempre os sentidos que lhe serão atribuídos e depois agrupados nos dicionários. O mesmo é dizer que todo o "significado" é um efeito do significante.

Um psicanalista ocupa-se, essencialmente, da causa e não dos efeitos. Por conseguinte, são as relações entre significantes que interessam a Lacan, em especial aquelas que criam, representam e determinam o sujeito que vem falar do seu sintoma ao analista.

O significante tem efeitos de subjetivação, de significação e de satisfação. Estes variam com a troca e o uso das palavras. Podem seguir as vias do enunciado, do apelo e da comunicação, mas também as da prosódia, da paródia, da poética, da retórica, da gramática, da lógica, etc.

Freud realçou, por exemplo, o uso lógico, quando afirmou que "o inconsciente não conhece a contradição"; e o uso retórico quando definiu a "condensação" e o "deslocamento" que caracterizam o processo psíquico primário, mecanismos que Lacan mostrou corresponderem às figuras da metáfora e da metonímia. É ainda a retórica que permitirá a Lacan definir o complexo de Édipo e a libido freudiana, respetivamente, como "metáfora paterna" e "metonímia do desejo".

A escuta analítica incide no que cada analisando diz e não no que quereria dizer. Foi assim que Freud leu os derivados do inconsciente a que chama sonho, lapso, ato falho, chiste, etc.

No Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud revela-nos que o sonho contado ao analista é uma "charada", logo que são as sílabas ou as letras do texto dessa charada que devem ser decifradas por detrás do conteúdo manifesto, das imagens oníricas fixas ou em movimento.

O primeiro exemplo dado na *Psicopatologia da Vida Quotidiana* é o do esquecimento do nome de um pintor italiano, Signorelli, nome que Freud disseca, a fim de mostrar ao leitor que foi a Morte, como *Signor* da subjetividade obsessiva, que influenciou este seu lapso de memória.

Em *O Chiste e Suas Relações com o Inconsciente*, Freud vai mostrar como o inconsciente joga também com as palavras para nos fazer rir e, às vezes, do pior. O primeiro exemplo é o da criação do neologismo "Familonário", para designar o modo familiar como um milionário tratou alguém que não era da sua classe social.

Aquilo que Lacan vai acentuando cada vez mais é que estes e outros usos da linguagem dão também gozo.

O gozo é aquilo que Freud nos traz, sobretudo a partir de 1919, com a "pulsão de morte" que reina para além do princípio do prazer que governa a vida.

É esta dimensão contrária à própria lógica da vida que mais caracteriza o ser humano. E, portanto, o gozo diverge de toda uma tradição que pensa que o homem procura naturalmente a felicidade e a encontra no Bem. A ética que Lacan deduz da pulsão de morte freudiana defende precisamente o contrário, ou seja, aquilo que faz o homem feliz é o mal. Dito de outro modo, a Vontade de Gozo prevalece não só sobre o bem-estar, como sobre o Bem comum.

Uma prova de que se pode estar bem no mal é dada pelo sintoma. Lacan explica que a primeira causa deste mal-estar é o encontro traumático do indivíduo com uma língua que lhe é estrangeira e, ao mesmo tempo, mátria e pátria. A narrativa do mito coletivo e individual, bem como as formações do inconsciente e as vicissitudes pulsionais, pressupõem sempre na origem este mau encontro do organismo do ser vivo com a linguagem.

A substituição da Coisa pela Palavra, e depois do significante da Mãe pelo do Pai, convergem com a alienação do indivíduo da espécie à fala, e a separação entre o sujeito desta impregnação de linguagem e os objetos parciais (seio, cíbalo, genitais, olhar, voz e nada) e completos (com destaque para a Mãe) da fantasia do desejo.

A fantasia tem um papel muito importante na existência e na análise. Ela não é apenas uma cena imaginária de amor e morte ou uma frase de teatro, é sobretudo a janela por onde o sujeito vê o real do objeto que o sintoma cristaliza.

É o complexo de Édipo que constitui, para Freud, o núcleo mais problemático do psiquismo humano, logo da fantasia do desejo que representa a pulsão na mente. Mas %

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

o mito e a tragédia de Édipo, bem como a transformação destes no romance familiar do neurótico, não são suficientes para aproximar o real do sintoma.

Freud apresentou também Édipo como um complexo de representações familiares. Durante séculos, a família foi concebida como uma parte, ou até a base, da arquitetura do cosmos. O cristianismo apenas a santificou, à imagem e semelhança da Sagrada Família. Mas a história, a sociologia e a antropologia modernas vieram mostrar que a família é uma instituição que varia com os tempos e os lugares, que, no fundo, obedece a estruturas de parentesco, por conseguinte, não pode simplesmente ser uma célula do Grande Todo que contribuiria organicamente para a proteção da espécie, da sociedade e da boa ordem do universo.

Com Freud deu-se mais um passo: a família passou a ser considerada não só no seu papel normalizador, de domesticação da pulsão, mas também como palco de desejos inconscientes, com seus efeitos patogênicos.

Desde o seu texto de 1936 sobre *Os Complexos Familiares*, Lacan interessou-se mais particularmente pela família, como lugar de formação de sintomas.

O que Lacan mostra a partir de então é que a família não tem realmente origem na reprodução biológica ou até na instituição do casamento, mas no radical desencontro dos sexos, no mal-entendido, na ilusão e decepção do "senti-minto", mais tradicionalmente no abuso sexual e no crime.

A família também não é um pequeno grupo formado pelo pai (que ocupa tradicionalmente o lugar do chefe no topo da hierarquia), a esposa e as crianças à sua volta. Dado que os membros da família são seres falados e falantes, Lacan desnatura a família, pega nas personagens da realidade e substitui-as por significantes, mais precisamente pela metáfora paterna que, tal como a substituição da natureza pela cultura, indica que a necessidade se encontra presa na ordem simbólica, na demanda, e o seu resto, no desejo. O sujeito da fala é o resultado de uma constelação familiar particular que possibilita o advento de um desejo, cuja principal característica é não ser anônimo.

O que une os membros da família, para além dos nomes, não são os laços de sangue ou, mais além, as proibições sexuais e as formalidades legais, mas o segredo. Este segredo não é um simples não dito, ou seja, um desejo recalcado, é, antes de mais, um segredo sobre o real do gozo, do que faz gozar o pai, a mãe, etc.

As atuais formas familiares confirmam também que a família é, primeiramente, uma organização simbólica que, embora se apoie em vínculos biológicos, se distingue destes para impor as suas próprias leis.

Existe hoje uma multiplicidade de formas de família. Mas esta diversidade não muda a posição da psicanálise que, longe de se sustentar e contentar com regras gerais, aponta para a particularidade de cada caso.

Embora a fala do analisando passe quase obrigatoriamente pela metáfora paterna, pelo mito coletivo e o romance familiar, as transformações da família impuseram

novas questões que só podem encontrar resposta para lá do clássico complexo de Édipo.

Os casamentos homossexuais e adoção de crianças por pais do mesmo sexo, por exemplo, desnortearam as antigas concepções dos direitos e deveres do casal, ao mesmo tempo que obrigaram escolas e educadores a adaptar-se a uma profunda mudança social que já começou a ter impacto na linguagem comum.

A família funciona hoje, sobretudo, como “aparelho de gozo”, pois é mais no campo do gozo, do que no do inconsciente-linguagem, que se jogam os assuntos de família. Cabe ao psicanalista retomar estes assuntos, para aí recortar a forma singular do gozo de cada um.

Em resumo: a família humana é uma grande fábrica de sintomas, porque ocupa normalmente para a criança o lugar do Outro que angustia, porque é geralmente no interior da família que a linguagem penetra pela primeira vez a vida ou afeta o corpo do *infans*. É, pois, na família que o gozo começa por ser aparelhado, disciplinado, educado, pelo discurso que tece a relação social.

O problema que permanece é que a criança não pode descodificar inteiramente o desejo do Outro, de onde ela provém, e que constitui a primeira referência do seu próprio desejo, pois, como afirma Lacan, “não é a mesma coisa ter a sua mamã ou a do vizinho”. O desejo da mãe acaba, assim, por revelar o que ele é no fundo: um obstáculo ao ideal da família. É no caminho desta revelação que a boa mãe se torna má, que o melhor pai acaba por ser o pai morto, que a família ideal mostra ser a família sem crianças, já que, quando a criança aparece, o círculo familiar explode e fragmenta-se. Na medida em que pai e mãe de família passam a apoiar-se num ideal de ficção - que hoje é fornecido mais pela ciência do que pela literatura romântica e a religião - pode deduzir-se qual deve ser a posição ética do psicanalista face à família: proteger a criança do delírio parental, das paixões que o habitam, do infanticídio secreto, do desejo de morte que escondem os laços da família.



Objetivos

O principal objetivo de uma psicanálise é levar até ao fim o que ela mesma iniciou. Mas, como advoga Freud, antes de poder saber que fim é este, devemos interrogar os obstáculos que se encontram pelo caminho.

Entre estes obstáculos começamos por destacar o já referido fim psicoterapêutico da cura tipo. A pressa, senão fúria, de curar, impede normalmente de ir mais longe, que o processo avance para o que Freud chama de “análise de carácter”, onde não se procura encurtar o tempo, mas prolongá-lo pela análise do material, das resistências e dos mecanismos de defesa. Ainda mais importante do que a análise do modo de funcionamento psíquico é o que Freud chama a busca da verdade do sujeito, sempre singular e não universal. Mas como a procura da verdade pode não ter fim e, logo,

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

tornar a análise interminável, o analisando é também convidado a realizar o desejo recalcado que pulsa nas veredas do inconsciente.

Este convite conduz, no entanto, a um impasse, porque a fantasia de recuperação do objeto do desejo também é parricida e incestuosa. Daí que Lacan postule ser preciso efetuar a "travessia da fantasia" para, no final, se poder identificar o sintoma com o qual o analisado terá doravante de (saber) lidar.

Mas o verdadeiro objetivo de uma análise é o seu fim didático, entenda-se a formação de um psicanalista digno deste nome.

É sobretudo neste caso que importa saber quais são as pedras que se encontram no meio do caminho do futuro analista. Freud considera que a "rocha" contra a qual o barco sexual da análise encalha sempre - ele refere-se a todas as análises realizadas até 1937 - é a "recusa da feminilidade".

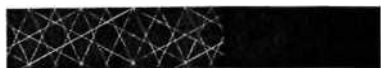
Freud constata que ambos os sexos têm um horror mais ou menos confesso da feminilidade, ainda que cada um à sua maneira. O que prevalece no homem é o que Lacan chama a "impotência", e na mulher a "impossibilidade".

Freud atribui o horror da feminilidade do homem à angústia de castração, se preferirem, à angústia de perder o poderoso símbolo fálico que ele é suposto deter por ter um pénis. O maior problema do lado de uma mulher é que ela não pode realmente recusar a feminilidade; a saída mais airosa que uma mulher geralmente encontra para abandonar a louca "inveja do pénis" não é a raiva reivindicativa nem a fantasia (clitoridiana ou outra), mas o desejo de maternidade, a troca simbólica do falo (significante que o pai edipiano detém) por um bebé (como objeto a).

Lacan considera, no entanto, que uma mulher não é toda mãe, que a feminilidade não se esgota no desejo de ter um bebé, e que o analisando não tem de entrar em pânico ou parar a sua análise quando encontra uma cabeça da medusa.

Dado que a mulher em si não existe, cada sujeito pode ultrapassar a angústia e a inveja ligadas ao complexo de castração, atravessando o ecrã da fantasia e incorporando a perda do objeto que causa o desejo, neste caso, o desejo do analista. É este o fim didático da análise, pois é sempre no lugar da causa do desejo do analisando que o analista pode, e deve, exercer a sua arte.

Resumindo e concluindo: o que cada um deve realmente admitir no final da sua análise é a impossibilidade de uma qualquer complementaridade com o Outro sexo.



Setting e Desenvolvimento Terapêutico

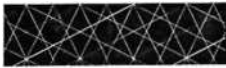
O que os anglo-saxões designam por *setting* - o pseudoquadro contentor que o psicanalista estabelecerá para se proteger das surpresas de uma análise e poder devolver ao paciente as suas emoções purificadas - é o mais simples possível: um lugar onde caiba um divã e, por detrás deste, uma cadeira ou um sofá.

Não se trata de móveis, mas das peças escolhidas por Freud para montar o cenário do teatro privado do sujeito no espaço público de um consultório.

O analista senta-se no sofá, evitando o ângulo de visão do analisando deitado no divã. Aquilo que sustenta esta cena não é o bom ambiente para uma introspecção psicológica nem o ambiente neutro que seria propício à inspeção laboratorial de um objeto científico, mas o texto da fala do sujeito, acrescido da leitura silenciosa do analista que a escuta. É deste modo que o dispositivo analítico dispensa o exibicionismo-voyeurismo do olho perverso, clínico ou outro.

Que o divã psicanalítico seja também uma cama onde se divague, tem que se lhe diga, pois é nesse leito da palavra que o sexo se separa do amor transferencial sem o qual não haveria análise.

Para que esta opere, Freud propõe uma única regra: a "associação livre" verbal. É a partir daí que todo o quadro fixo se esvanece, que as reviravoltas de uma análise se fazem e os nós do sintoma se desatam e reatam.



Principais Técnicas

Não existe técnica psicanalítica, se entendermos por "técnica" um qualquer meio instrumental previamente definido ou um procedimento tecnológico utilizado para alcançar determinado fim.

Freud nunca procurou construir e aperfeiçoar uma técnica psicanalítica, até porque estava a inventar a psicanálise, sozinho e pela primeira vez.

Todavia não existe nenhum texto de Freud - dos *Estudos sobre a Histeria à Análise Terminável e Interminável*, passando pelas *Construções na Análise* - em que ele não fale do que faz quando realiza psicanálise.

O que mais interessa é sempre o que se faz, desfaz ou simplesmente não se faz ou se deixa por fazer. E é só depois que se pode saber o que convinha ou não ter sido feito, e se houve, ou não, um saber-fazer.

Como ficou explícito no item precedente, Freud limitou-se a instituir uma "regra", não para que o sujeito siga um método ou fale metodicamente, mas para que fale livremente, ou seja, para que delire à vontade. Não é, pois, através de uma técnica, mas pela via deste delírio que a "coisa" se acerta.

À regra fundamental, Freud acrescentou um pequeno número de condições contratuais que convergem todas com a associação livre verbal: um espaço e um tempo apropriados ao exercício da referida liberdade de expressão; o dever de não passar ao ato ou de se abster em análise de tudo o que não seja falar; e pagar a sua própria análise para que o maior ou menor peso das palavras que aí se proferem à toa passe a ter um preço.

Se a "formação" do analista começou a passar pelo crivo da análise pessoal, do estudo permanente e da supervisão da prática, foram os seguidores de Freud que

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

julgaram poder fixar os princípios e as regras da “técnica” psicanalítica. Foram eles, pois, que estabeleceram a cura *standard* e a lista das indicações e contra-indicações, afastando-se, assim, uma vez mais, da letra e do espírito do inventor da psicanálise. Deste modo, os pós-freudianos fizeram da técnica um fetiche. Basta ver a quantidade de textos que dedicaram à codificação da análise e da interpretação.

A técnica psicanalítica faz, assim, parte da ilusão tecnocientífica, pois o fundamental, numa análise, é sempre o encontro com o analisando, encontro singular e aberto à surpresa.

Isto não significa que se faça deste encontro uma espécie de absoluto metafísico, um “aqui e agora” inefável, votado ao silêncio místico ou às manipulações corporais. Antes pelo contrário, o psicanalista deve esforçar-se por dizer bem o que faz, mesmo se for impossível dizer tudo.

Assim, Lacan esforçou-se por mostrar que há uma “kairologia” na análise, que esta não obedece a uma cronologia, a uma duração da sessão a um tempo tão preciso como o de um relógio suíço.

Para que a análise seja eficaz, a sessão deve ter uma duração variável, que convirja com a atemporalidade da pulsação inconsciente. O tempo variável da sessão é, aliás, o único que respeita a estrutura de abertura/fecho, própria às formações do inconsciente, a fenómenos que, tal como o lapso, desaparecem logo que aparecem.

É o corte na gramática da sessão que permite ao analisando obter retroativamente - graças ao intervalo provocado pela interrupção - um efeito semântico. É a repetição deste intervalo que faz com que aquilo que o analisando disse de crucial numa sessão não se perca ou continue a ressoar nele.

Lacan comparou também o corte da sessão à pontuação de um texto, sem a qual este ficaria aberto a todos os sentidos. O analista não só põe, de cada vez, os pontos nos is, como coloca pontos de interrogação, de exclamação, vírgulas, etc. No termo de uma análise trata-se, sobretudo, de pôr um ponto final.

O tempo tem uma lógica que passa pela compreensão do acontecido e encaminha o sujeito para uma conclusão. Por esta razão, as rumações que podem durar horas a fio, como se o homem fosse eterno, ou a pressa que, por vezes, o aflige são maneiras de tentar ludibriar a lógica temporal.

Ao contrário, o corte oportuno das chamadas “sessões curtas” corresponde a esta lógica temporal. E, no entanto, estas foram não só um constante motivo de troça por parte de colegas, como levaram à expulsão de Lacan da Associação Psicanalítica Internacional.

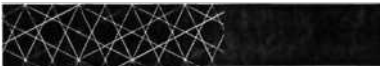
Ninguém se apercebeu, então, de que o encurtamento da duração da sessão supõe o alargamento do tempo da elaboração analítica; e que é isso que faz as análises de orientação lacaniana muito mais longas do que as outras.

Lacan intervém também na designada “técnica”, com o que chama de “entrevistas preliminares”. Estas servem, por exemplo, para impedir que um sujeito se deite

no divã antes de saber se não há uma psicose latente que se possa desencadear desse modo.

Mas não é apenas por esta razão que Lacan retoma o que Freud designa por “ensaios” de análise. O que mais importa nas sessões preliminares é extrair da demanda a “retificação subjetiva”, através da qual o sujeito passa a responsabilizar-se pela sua própria análise.

Para que haja, efetivamente, análise é preciso que o sujeito reconheça, à partida, que tem uma responsabilidade no sofrimento de que se queixa, que não é apenas a vítima daquilo que o aflige ou oprime, mas também o artífice ou o cúmplice do mal de que se lamenta. Sem esta rutura da inocência em que a felicidade do sujeito se banha, não há análise.



Atitude do Terapeuta

Não só o psicanalista não é um “terapeuta”, como a sua designada “atitude” prende-se sempre com o problema que Freud trata em textos como *Observações sobre o Amor de Transferência*.

Quem é animado pelo desejo de psicanalisar não pode, de maneira nenhuma, ser neutro. Há uma tática, uma estratégia e uma política a seguir em cada análise. Trata-se da capacidade do analista de interpretar o que flui em associação livre, de manejar a transferência, que, portanto, o condiciona, e, sobretudo, de ter uma orientação. Como dizia Freud: “não existe ponto de partida se não sabemos para onde vamos”.

O analista precisa acolher, reconhecer a demanda do analisando, sem responder a esta. Mais do que espelho ou superfície de projeção e reflexão, o analista é a “terceira orelha” reveladora de um facto: pedir alguma coisa a alguém, por exemplo, conselho, compreensão ou cura, é, no fundo, pedir-lhe amor.

A ajuda, ou melhor o amor, que se pede a um analista coloca-o na posição de “sujeito suposto saber”, fórmula que Lacan dá, a certa altura, para definir a transferência analítica. Digamos que o analista vem aqui substituir o saber inconsciente que, até lá, guiava a demanda.

As histórias de amor e desamor são as que mais fazem adoecer o corpo com alma, as que mais fazem sofrer ou gozar. Estas histórias começam a esboçar-se geralmente na família e prolongam-se pela existência fora.

Mas a transferência analítica não se reduz à repetição das histórias de cada um. Assim, o analista não se deve deixar confundir com o objeto de amor mais significativo do sujeito, quer seja narcísico ou não. No artificio de uma análise, o analista é, basicamente, o objeto de um amor novo, que passa pelo amor da língua e o amor à verdade, mas não se reduz a estes.

A análise não é uma medicina, mas uma doença - que Freud chama neurose (do amor) de transferência -, da qual se pode, no entanto, extrair uma vacina contra o &

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

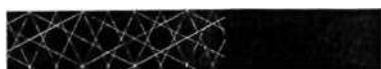
vírus que a causa. Se isso não é conseguido, a doença torna-se crônica e pode conduzir rapidamente à morte moral e física.

Esta vacina não tem nada que ver com uma qualquer força do *ego*. Desde o início Lacan criticou os fãs da "psicologia do *ego*", por terem feito do seu *ego* a medida de todas as coisas; mas também os adeptos da "psicologia das relações de objeto", por confundirem a análise com uma relação entre semelhantes. Depois de confiar no amor, e se tornarem, por vezes, amantes das suas analisandas, os pós-freudianos começaram a desconfiar dos sentimentos do analista, mais geralmente da sua intersubjetividade, e passaram a aconselhar que a análise passasse, sobretudo, a ser a análise da contratransferência. Ao fazer desta última o essencial de uma análise, os analistas estavam simplesmente a dizer que ficariam para sempre em análise, desta vez analisando-se à custa dos seus analisandos.

Este falso caminho para a suposta "neutralidade" do técnico de saúde não permite entender que a contratransferência é, também, um efeito do "desejo do analista", desejo que não é puro, como afirmou Lacan, mas o único que pode levar uma análise por montes e vales até ao fim.

Com a construção do *Discurso do Analista (Seminário XVII)*, Lacan procurou formalizar melhor a diferença entre a análise e outros tipos de relacionamento social e transferencial, como a relação com o poder (Discurso do Amador), com o saber (Discurso da Universidade) e com a insatisfação do desejo (Discurso da Histérica).

O que a prática de uma análise põe a descoberto é que, por detrás do que se espera conscientemente, há sempre a irrealizável fantasia de união com o analista. É por este motivo que a dissolução da transferência põe fim à relação com o analista como sujeito suposto de saber e objeto de amor, obrigando, então, o analisado a ter de se haver sozinho na procura da verdade, com o saber inconsciente.



Indicações e Limites

Para Lacan não existem indicações e contra-indicações para fazer psicanálise. Falar livremente a um verdadeiro psicanalista não faz mal, nem bem, a ninguém. É, pois, de outra coisa que se trata.

Convinha colocar a questão de modo diferente, a saber: se toda a gente consegue aderir à prática analítica da palavra? Por exemplo, os surdos-mudos não se servem da linguagem verbal, os psicóticos só falam sozinhos, os perversos não estão dispostos a falar a um psicanalista, etc. Daí que se possa ficar com a impressão de que a análise apenas se aplica aos neuróticos, de preferência adultos, com um *ego* suficientemente forte e uma autonomia financeira que lhes permita escolher e comprar o objeto de consumo que, neste caso, seria o analista. Daí também a ideia estapafúrdia de que a psicanálise é só para ricos.

Ora, o psicanalista pode perfeitamente ocupar-se de outros sujeitos que não dos seus analisandos, por exemplo, de crianças autistas, adolescentes delinquentes, toxicodependentes, pessoas com deficiência ou doenças psiquiátricas graves, doentes terminais. Pode ainda trabalhar em equipa numa instituição de saúde, escolar ou outra, não como psicanalista, mas coadjuvado pela escuta analítica.

A psicanálise não é, pois, para todos, mas para quem pode e quer procurar pela palavra a sua verdade de sujeito, e tentar, a partir daí, realizar o seu desejo, em vez de passar a vida a queixar-se, a sonhar, a fantasiar ou a delirar.

O único mal que pode advir de uma análise é aquele que o analisando já traz consigo. A partir do momento em que o sujeito se responsabiliza pela sua análise e confronta-se com as suas contradições e conflitos, ou, por exemplo, com a vergonha e a culpa, pode efetivamente sofrer ou gozar com isso.

Só há um limite para a análise, aquele que põe um termo ao ilimitado do gozo. É isso que o saber-fazer do analisado com o sintoma pode trazer à devastação que sempre espreita.

Vinheta clínica

Apenas uma pequena "vinheta clínica" de Lacan, no *Seminário I*.

Lacan ensina neste seminário que a verdade surge do equívoco. A sintomática verdade do sujeito em questão emergiu precisamente do equívoco do significante "mão".

Não convém que a interpretação analítica retenha qualquer significado atribuído a um significante - por exemplo, no caso do significante "mão", mão-vazia, mão-cheia, mão-dada, mão-morta, saco de mão, etc. - antes de se ter a certeza de que foi nele que o gozo pulsional se fixou.

O analisando de Lacan sofria de sintomas que afetavam a sua mão, em particular uma câibra da escrita. Um analista anterior tinha tentado interpretar este sintoma em função do sentido preestabelecido pela teoria que adotara, na qual a mão era a ajudante da masturbação e não o órgão preênsil situado na extremidade do antebraço. Esta interpretação impedia a análise de aceder à verdadeira significação - e, logo, à satisfação - que tinha essa "mão" para um sujeito de cultura muçulmana. O livro santo da sua religião, o *Corão*, manda cortar a mão a quem lança mão ao alheio. Era esse o caso do pai do analisando, a quem todos chamavam "ladrão".

O sujeito não compreendia porque é que se tinha de cortar a mão a um ladrão, o que fez com que suspendesse desde a infância a sua relação à lei corânica [*Sharia*], do berço de nascença, que permanecia, no entanto, a matriz das suas coordenadas simbólicas.

Desde então, a "mão" como significante que identificava o filho ao pai desencadeava uma incompreensível angústia de castração, onde a perda do objeto ficava associada a uma prática da escrita que decepava a mão. Foi esta angústia que a análise conseguiu dissipar.

PSICANÁLISE DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

Referências

- Lacan, J. (1966). *Écrits*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2001). *Autres Écrits*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1953-1954; 1975). *Le Séminaire, e Livre 1, Les Écrits Techniques de Freud*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1954-1955; 1978). *Le Séminaire, Livre 2, Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la Technique de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1955-1956; 1981). *Le Séminaire, Livre 3, Les Psychoses*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1956-1957; 1994). *Le Séminaire, Livre 4, La Relation d'Objet*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1957-1958; 1998). *Le Séminaire, Livre 5, Les Formations de L'inconscient*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1958-1959 ; 2013). *Le Séminaire, Livre 6, Le Désir et son Interprétation*. Paris: Editions de La Martinière.
- Lacan, J. (1959-1960; 1986). *Le Séminaire, Livre 7, L'Éthique de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1960-1961; 1991). *Le Séminaire, Livre 8, Le Transfert*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1961-1962). *Le Séminaire, Livre 9, L'identification*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1962-1963; 2004). *Le Séminaire, Livre 10, L'angoisse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1963-1964; 1973). *Le Séminaire, Livre 11, Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1964-1965). *Le Séminaire, Livre 12, Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1965-1966). *Le Séminaire, Livre 13, L'objet de la Psychanalyse*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1966-1967). *Le Séminaire, Livre 14, La Logique du Fantasma*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1967-1968). *Le Séminaire, Livre 15, L'acte Psychanalytique*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1968-1969; 2006). *Le Séminaire, Livre 16, D'un Autre à T Autre*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1969-1970; 1991). *Le Séminaire, Livre 17, L'envers de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1970-1971 ; 2007). *Le Séminaire, Livre 18, D'un Discours qui Ne Serait Pas du Semblant*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1971-1972; 2001). *Le Séminaire, Livre 19, ...ou Pire*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1972-1973; 1975). *Le Séminaire, Livre 20, Encore*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1973-1974). *Le Séminaire, Livre 21, Les non Dupes Errent*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1974-1975). *Le Séminaire, Livre 22, RSI*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1975-1976). *Le Séminaire, Livre 23, Le Sinthome*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1976-1977). *Le Séminaire, Livre 24, L'insu que Sait de L'une Bêvue s'aile à Mourre*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1977-1978). *Le Séminaire, Livre 25, Le Moment de Conclure*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1978-1979). *Le Séminaire, Livre 26, La Topologie et le Temps*. (Não publicado).
- Lacan, J. (1979-1980). *Le Séminaire, Livre 27, Dissolution*. (Não publicado).
- Martinho, J. (1990). *O Que é um Pai?* Lisboa: Assírio & Alvim.
- Martinho, J. (1997). *A Minha Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Martinho, J. (1999). *Ditos, Conferências Psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- Martinho, J. (1999). *Cozo*. Lisboa: Fim de Século.
- Martinho, J. (2001). *Freud & Co*. Coimbra: Almedina.
- Martinho, J. (2001). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.

PSICOTERAPIAS

- Martinho, J. (2003). *Ditos II, Conferências Psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- Martinho, J. (2005). *Ditos III, Conferências Psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- Martinho, J. (2011). *Inspiração Psicanalítica: Freud e as Psicoterapias Dinâmicas e de Suporte*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Pereirinha, F. (2005). *Psicanálise & Arredores*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Pereirinha, F. (2016). *Passagens - Da Literatura à Psicanálise, Via Direito*. Florianópolis: Empório do Direito.

